

# No cenário romântico do Parque Lage, uma nova concepção da arte

Mailda Bessa, professora de Estética e Teoria de Arte, reuniu professores e diretores de escolas de teatro, dança, música, artes visuais e criatividade para fundarem um campus no Parque Lage. Essas escolas funcionarão integradas.

Quando se pega gente como Rubens Gerchman, Ailton Escobar, Klaus Vianna, Lídia Costalat e Leni Werneck Dornelles; quando se pede a eles que roubem um pouco do tempo de que dispõem para criar e o utilizem dirigindo escolas; quando se tem plena consciência de que, se eles não tiverem amplas possibilidades de estar novos artistas, então estaremos — simplesmente — roubando à cultura brasileira novas obras suas; quando se sabe tudo isso, a nossa responsabilidade se torna muito grande. É preciso que eles tenham todo o nosso apoio, para poder trabalhar.

Professora de Estética e Teoria da Arte, durante muitos anos, Mailda Bessa decidiu se dedicar à escultura "para estar mais próxima dos artistas", a quem ensinava matérias mais teóricas. Atualmente diretora do Instituto Estadual das Escolas de Arte (ao qual pertencem cinco escolas, voltadas para as mais diversas formas de arte), ela vê com o maior entusiasmo as propostas de trabalho de seus diretores, e demonstra uma certa preocupação com a campanha de descrédito que tentaram criar, principalmente em torno de Gerchman.

— Tudo começou com uma notinha maliciosa, de um colonista. Depois, diversos jornalistas vieram ao INEART, para verificar "denúncias". Um deles trouxe a origem da suposta crise: uma notícia anônima, que havia sido distribuída à imprensa, na qual se afirmava que todos nós seríamos demitidos, numa reunião às 14 horas. Ora, realmente, naquela manhã, nós nos reunimos. Mas foi apenas o nosso encontro quinzenal; onde trocamos idéias, planos, e procuramos a melhor solução para dinamizar as nossas escolas. Ou seja: nós estávamos, precisamente, trabalhando, enquanto alguém — talvez interessado, justamente, em prejudicar esse trabalho — procurava criar uma atmosfera de caos, ao nosso redor.

De qualquer forma, o autor da notícia anônima não conseguiu atingir seu objetivo: Mailda perma-

neceu à frente do INEART e, com o apoio de seus cinco diretores, prepara-se, atualmente, para um projeto ambicioso — a criação de um "campus" no Parque Lage, com todas as escolas reunidas, funcionando de forma integrada. Assim, os alunos da Escola de Teatro Martins Penna, do Instituto Villa-Lobos, da Escola de Dança, do Centro de Arte e Criatividade Infante-Juvenil e da Escola de Artes Visuais poderiam trocar conhecimentos e experiências, num intercâmbio em que todos poderiam ganhar, conforme explica Rubens Gerchman:

— Ao estudar alguma forma de arte, a gente sempre deixa lacunas no nosso conhecimento. São matérias não-oferecidas pelo currículo, por exemplo, e que poderiam — de alguma forma — abrir novos caminhos ou complementar o nosso campo de informações. A arte não pode ser um compartimento isolado. O artista cumpre a sua razão de ser ao devolver, à comunidade, o que recebe dela. Quando faz isso, ele devolve, ao povo, suas raízes. Então, é imprescindível que as coisas se interpenetrem, que o pintor conheça o trabalho do dançarino, que o aluno de escultura — que está trabalhando com modelagem — veja, por exemplo, uma aula do Klaus, de Oficina do Corpo. Desse entrosamento, desse trabalho interdisciplinar, poderá surgir uma visão muito mais profunda do que seja arte. E — disso não abrimos mão — é imprescindível, acima de tudo, que todos os cursos partam de um conceito de contemporaneidade. Não tem sentido formar-se artistas que desconhecem a sociedade que os cerca, o mundo em que estão vivendo.

Esse desejo de Gerchman, de trazer o ensino da arte para o século XX, parece ser o principal responsável por algumas críticas (também anônimas) que vem recebendo, como diretor da Escola de Artes Visuais. Segundo o escultor Jaime Sampaio (ex-aluno e atual professor da Escola), trata-se de uma medida que força a muita gente a se *dinamizar*, e muitos não gostam dessa idéia.

— Há anos eu venho pedindo, justamente, uma nova mentalidade para nossos cursos. Finalmente, parece que isso vai acontecer. É claro que as pessoas acostumadas à inércia não podem gostar das proposições de Gerchman. Mas eu concordo com todas. Quero trabalhar com meus alunos dentro da realidade que eles encontrarão mais tarde, ao se formar. O *comodismo* não pode existir, em arte. A criação depende, intimamente, do dinamismo.

Não é por *dinamismo*, entretanto, que Gerchman determinou a suspensão de vestibular para o curso de História da Arte, que funciona na Escola. Há dez anos, seus alunos aguardam uma regulamentação profissional, e o novo diretor não acha justo que uma nova turma seja formada, se o curso não é regulamentado.

— Chamei professores e alunos e sugeri que fosse formada uma comissão para estudar o assunto. Eles já foram ao Departamento de Cultura e, atualmente, estão esperando o parecer do Conselho Estadual de Educação. O que não tinha sentido era continuar oferecendo vagas num curso, para as pessoas passarem quatro anos aqui, e depois irem embora, sem qualquer direito legal de exercer uma profissão. Mas isso não significa, absolutamente, que eu seja contra a História da Arte. Pelo contrário: o currículo será mantido, até que os atuais alunos se formem, e a matéria permanecerá, com *básica*, para os demais cursos da Escola.

Além de manter as atuais "Oficinas" (cursos especiais de pintura, es-

cultura e gráfica), Gerchman pretende oferecer, para o próximo ano, um vasto leque de *opções*, sempre seguindo algumas características básicas: o aluno, ao entrar para a Escola, passará por um ciclo básico, no qual receberá a fundamentação teórica e estudará — obrigatoriamente — desenho, antes de ingressar na *oficina* específica, na qual deseja se matricular.

— Para março, teremos as seguintes *oficinas*: 3D (trabalhos em madeira, barro e metais), 2D (desenho e pintura), gráfica (litografia, xilografia, *silk-screen*, *metal*), fotografia, cinema, cenografia, cerâmica, programação visual e a Oficina do Corpo, se possível, entregue ao Klaus Vianna. Atualmente, a Escola tem cerca de 1.400 alunos matriculados, dos quais apenas 96 no curso de História da Arte. Por esse dado, já se pode ver a importância das *oficinas*. Agora, o que pretendemos fazer é criar um ritmo de trabalho intenso, oferecendo cursos de dois meses, por exemplo, em que o aluno realmente trabalhe sob a orientação de pessoas da maior competência. Acho que a Escola deve ser vista como uma espécie de biblioteca, onde está depositado o conhecimento.

Antes de assumir o cargo, Mailda Bessa e seus assessores (ela faz questão de valorizar o fato de serem todos artistas; nenhum administrador burocrata) estudaram, detidamente, a situação em que se encontravam as cinco escolas. Gráficos foram feitos, levantando o número de alunos (por faixa etária), o corpo docente e o *staff* de funcionários. Isso permitiu à equipe manipular dados concretos, no planejamento das mudanças a serem implantadas. Informações como o custo do aluno e a aparelhagem disponível foram levadas em consideração, também, em todos os planos. Na Escola de Artes Visuais, Gerchman associa a *teoria* e as *oficinas* à realização de *eventos*, numa trindade interligada, sobre a qual baseará sua administração.

— No capítulo *teoria*, além dos conhecimentos que — obviamente — transmitiremos aos alunos, vamos nos dedicar, ainda, ao desenvolvimento de pesquisas, à realização de seminários e à feitura de publicações sobre arte. Já pedi, inclusive, a colaboração dos professores, na forma de sugestões. E muitos já me entregaram projetos excelentes, demonstrando seu desejo de colaborar. Na parte de *oficinas*, o aluno, depois de receber os conhecimentos teóricos básicos, poderá trabalhar durante tempo indeterminado, dependendo do aproveitamento que demonstre e da capacidade que possua para aprender. Culminando o trabalho, finalmente, os *eventos* servirão para trazer aos alunos e à comunidade um maior contato com o trabalho de outros artistas. Será o caso das exposições, dos simpósios. E — paralelamente — vamos criar o Centro de Documentação Brasileira, com um acervo para o qual já temos diversas promessas de doações. Esse Centro funcionará como um Banco de Informações, uma Memória, possuindo biblioteca, cinema e um boletim impresso periódico.

Para este verão, Gerchman já programou algumas atividades, dando início à interação artista-público. Na Cinemateca, será organizado um encontro de produtores cinematográficos independentes. Uma exposição de foto-linguagem abrirá a Sala de Eventos da Escola. E, em fevereiro, começará a montagem das obras para espaço aberto do Simpósio de Escultores, programado para março. Todo o trabalho será documentado em Super-8, e o público terá acesso aos jardins do Parque Lage, podendo acompanhar a feitura das obras.